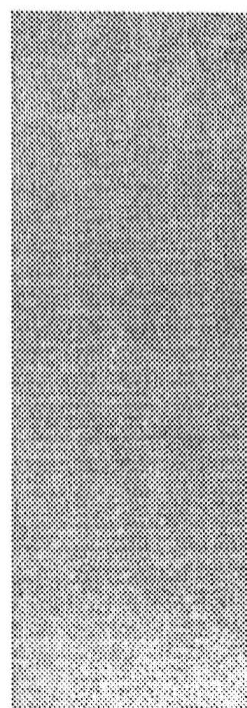


Aldo Vannucchi ()*

O Problema Ontológico no Saber Popular

(*) Mestre em Filosofia pela Universidade
Gregoriana - Roma



RESUMO

O Autor defende a possibilidade e a necessidade de se fazer Filosofia no Brasil - especificamente, quanto ao Problema do Ser - a partir do saber popular.

Sugere, para isso, como experiência fundamental, o dia-a-dia do brasileiro comum. E conclui com a proposta de fusão dessa vivência simples e concreta do problema ontológico com o saber acadêmico específico.

ABSTRACT

The author defends the possibility and need to implement Philosophy in Brazil, specifically as to the Problem of Being, springing from grass roots knowledge.

He suggests for this, as basic experience, the daily life of the average Brazilian. He concludes with a proposal to join this simple and factual understanding of the ontological problem with specific academic knowledge.

I A Percepção Difusa

Preterida ou recalcada, consciente ou inconsciente, a questão do Ser, por certo, não constitui, cronologicamente, a primeira interrogação a marcar o horizonte de nossa existência. Contudo, todos nós, um dia, topamos com ela. Vivenciamos-na na prática cotidiana, embora, quem sabe, jamais cheguemos a explicá-la em termos formais e precisos. Permeia a consciência do povo, sempre comprometida com o concreto e não com meras reflexões, o pressuposto básico de toda e qualquer construção filosófica, séria e coerente, de que o real é intelegível e, por isso mesmo, pode a razão humana conhecê-lo.

Esse respeito ao Ser, sem preconceitos nem dogmatismos, essa ancoragem no real, esse “pé no chão” podem valer muito mais que certas elucubrações modernas, alardeadas como alta filosofia, mas, na verdade, de pouco ou nenhum compromisso com a verdade.

Não será por isso que, muitas vezes, o cidadão comum revela uma postura bem mais serena que alguns astros da cultura nacional, perante componentes essenciais tão problemáticos da existência, como a convivência social, o trabalho, a doença?

Ninguém contestará que a problemática do Ser integra o conhecimento comum, na medida em que toda e qualquer pessoa percebe, cristalinamente: 1º) que cada coisa é o que é; 2º) que o Ser é a realidade e o não-ser é o nada; 3º) que o Ser se diferencia do vir-a-ser; 4º) que o Ser ou a realidade é uma coisa e as aparências são outras; 5º) que o Ser se manifesta diferenciadamente nos seres.

Vejamos isso com mais vagar. Antes de mais nada, circula universalmente, no mundo empírico, como moeda do maior valor, a certeza tranqüila de que cada objeto, cada fenômeno é o que é.

Pulsa aí implícita a afirmação, sob a forma ontológica, do princípio de identidade ou de mesmidade: - Pão (é) pão; queijo (é) queijo. Cada coisa é o que é. Impossível que a mesma coisa seja e não seja ela mesma, ao mesmo tempo. Toda coisa é igual a ela mesma. Uma rosa é uma rosa. Branco é branco, preto é preto ...

Temos, pois, a tese popular de uma identidade concreta, embora relativa, ou seja, consciente de que identificar alguma coisa é diferenciá-la de outra, não obstante a mudança ou a alteração das aparências, que todas as realidades sofrem, no tempo e no espaço. Mas é uma afirmação enfática e segura.

Rodeios e estudados eufemismos caracterizam o linguajar doutoral. Do povo, não. Ele prefere “dar nome aos bois” e adora insistir, por todos os modos, no

que as coisas se igualam e no que se diferenciam, como se vê em adivinhações tradicionais (o que é, o que é? Tem coroa e não é rei; tem escama e não é peixe?) e até em folguedos infantis (Home com home; muié com muié; faca sem ponta, galinha sem pé).

Poder-se-á verificar idêntica atitude na cautela semântica com que se distingue, entre nós, Política de política. Com p maiúsculo, Política é coisa séria, merece respeito. Outra coisa, bem diversa a política enquanto atividade ou comportamento desonesto, de excusos interesses pessoais.

Vale, por fim, salientar um caso muito peculiar de proposta tupiniquim do princípio de identidade. Bem ao nosso jeito, criou-se entre nós o neologismo, já dicionarizado, pelo qual, através de um cruzamento morfológico, se instaurou, ironicamente, a convivência impossível de duas realidades contraditórias, através da palavra composto “intelijumento”, para apontar pessoa curta de inteligência, meio gente, meio jumento. Fino expediente vocabular, que mostra claramente como a demosophia não alimenta ilusões: ou se é gente ou não.

Que o Ser é a realidade e o não-ser é o nada, qualquer pessoa o entende, se questionada na vida, tanto no a-ferro-e-fogo de um drama existencial, como no bem-bom de um tempo de calma e êxito. Qualquer um conhece a realidade do dia-a-dia, construída com o ser do trabalho, da casa, do amor, da doença, do pão, da fome, da alegria, da festa... como também capta o nada, ou seja, o não-ser de um emprego perdido, de um filho ausente, de um salário roubado, de uma condução errada, de um amigo falecido.

Nada mais contundente que a perda, a saudade, o vazio, o espaço em branco, o oco, o buraco, o rombo, o negativo, funcionando como instâncias metafóricas do Ser vital, que a peripécia humana, tanta vezes, nos arrebatam, inapelavelmente. Muito significativa, aliás, a expressão corrente “não ser de nada”. Afirmando que “fulano não é de nada”, estamos a indicar depreciação, incapacidade, covardia. Mas essa frase carrega terrível peso filosófico. Com ela denunciemos que tal ser humano é igual ao não-ser! E nessa insinuação do caráter antipático e até repugnante do nada, poderíamos vislumbrar também um caminho entreaberto pela mente popular, na direção da Metafísica, enquanto investigar o não-ser poderia bem valer como termômetro e indício de se analisar os seres, conforme recomendava Heidegger¹. Tanto assim que, dentro do mistério maior do Ser, que nos envolve e cria, todos sabemos distinguir o não-senso e o supra-senso, como nos ilustra Guimarães Rosa em suas “anedotas de abstração”, entre as quais figura a definição do nada como “uma faca sem lâmina, da qual se tirou o cabo”².

1. *Introdução à metafísica*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1966, p.64.

2. *Tutaméia*, 3 ed, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1969, p. 3 e 5.

Outro enfoque clássico do problema ontológico - a distinção entre o ser e o vir-a-ser - pode também rastrear-se, facilmente, no saber vulgar. Na verdade, Heráclito não descobriu a variabilidade substancial das coisas. Coube-lhe apenas formular essa tese da ininterrupta transformação da realidade universal no “tudo flui”, que, muitos séculos depois, Hegel vai explicar pelo movimento dialético de categorias que se opõem e se contradizem: tudo o que existe é intermediário entre o Ser e o nada.

Testemunha-o, na prática, o homem do campo, não só deitando sementes hoje e sonhando com os grãos de amanhã, mas sobretudo labutando, de sol a sol, para que a sua lida não dê em nada. Ao tratar a semente como um ser em si mesmo e a partir dela mesma, desempenha ele, sem o saber, o papel de autêntico Parmênides, apregoando hoje que o Ser é “sem nascer nem parecer”³. Mas atua também com a convicção de Heráclito, enquanto cerca, limpa, ara, aduba e irriga a terra, apostando no devir seminal.

Contemplando a natureza, vemos que tudo muda em nós e fora de nós. Tudo passa. Tudo se transforma. Tudo é e não é. O que era não é mais. O que agora não é, vem a ser depois. De uma criança surge um adolescente, um jovem, um adulto. De toda noite nasce a aurora de um novo dia.

A rigor, portanto, nada tem começo e coisa alguma tem fim. A consciência desse processo contínuo do devir e do transitório, da vida e da morte, da prevalência da mudança sobre a estabilidade, reflete-se por inteiro na fala popular: Tudo passa ... Não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe...

Nada mais longe, pois, do senso comum que a metafísica de consagração do estabelecido e de congelamento do Ser. Se lhe escapa, às vezes, o “deixa como está para ver como é que fica”, não se veja aí senão a sátira amarga e lúcida contra os que, detendo alguma parcela de poder, não põem por obra as reformas necessárias. No fundo, o que a gente quer é a mudança, vendo no vir-a-ser não um puro nada, mas sim um não a isso que está aí, embora distinto de tudo aquilo que esperamos.

Se passarmos agora ao terceiro ponto, ou seja, à questão do Ser e das aparências, do que é e do que parece ser, da substância e dos acidentes, do númeno e do fenômeno, encontraremos, de pronto, inúmeras expressões e provérbios populares altamente sintomáticos. Se o filósofo tem consciência de que o Ser não é a simples aparência e que a aparência significa tanto manifestação do Ser quanto escondimento ou simulação dele, o saber ordinário intui tudo isso ao enfatizar que “as aparências enganam”, ou quando fala em “manter” ou “salvar as aparências”, ou ainda em inúteis tentativas de “tapar o sol com a peneira”. Tal a origem, aliás, do adágio medieval “Barba non facit philosophum”, equivalente ao internacional “O hábito não faz o monge”.

3. Fragmentos 7-8.

Aqui vêm a ponto também os nossos saborosos ditos populares, tantas vezes encaixados em músicas carnavalescas como em conversas jogadas fora: “Nem tudo que reluz é ouro; nem tudo que balança cai” e o “Por fora, bela viola; por dentro pão bolorento”. E há também o “Não é flor que se cheire”, referente a pessoas de boa presença, mas de caráter duvidoso, como certas flores bonitas de aspecto, mas de odor repulsivo.

Por outro lado, não há quem não se deixe, vez por outra, enganar pelas aparências, incidindo em erro de raciocínio e de comportamento. A busca do Ser impõe ascese das mais estritas. Poucos aceitam exercitá-la. Repetimos mil vezes que “tamanho não é documento”, “sombra de pau não mata cobra”, “quem vê cara, não vê coração”, mas muito raramente alguém se dispõe a vivenciar de pleno o perfeito conhecimento experimental, como percepção do real na sua concretude de substância revestida de determinações acidentais. Assim como as palavras, sob sons ou sob letras, revestem idéias para revelá-las, mas acabam muitas vezes por encobri-las, da mesma forma as aparências do Ser (na linguagem da Escolástica, os acidentes) nos induzem, freqüentemente, a graves ilusões. Parece até que o nosso cérebro se compraz, preguiçosamente, nesse esconde-esconde do Ser, como se fôramos espectadores totalmente envolvidos pelo poder fascinante de um mágico, mestre em criar visos de realidade com seus truques de prestidigitação.

Analisemos, por fim, o quinto ponto dessa metafísica do senso comum, ou seja, percepção imediata de que o Ser se manifesta de modo multifacetado na multidão incontável dos seres.

Temos todos a nossa ontologia de todas as horas. É inegável que achamos sempre o ser humano bem mais próximo do ser animal do que dos minerais e a ninguém escapa a diferença entre algo ser possível (“amanhã, irei descansar”) ou já ser real (“agora, estou descansando”), entre seres existentes (minha casa, o sol, o trânsito lá fora) e seres fictícios (boitatá, saci, mula sem cabeça).

Nesse sentido, a taxionomia gramatical nada mais faz do que codificar princípios filosóficos, quando nos ensina, desde pequenos, que substantivo é toda palavra que especifica uma substância, ou seja, um ser que possui existência, ou animada (cão) ou inanimada (pedra), quer real (água), quer imaginária (mãe d’água), constituindo-se, sob esse aspecto do ser, um substantivo concreto, quando existe em si mesmo (homem, terra, vento) ou abstrato, quando existe apenas no pensamento, na imaginação de alguém ou em outrem (amor, raiva, brancura). Que o Ser se desvela diferencialmente nos seres é algo que também se comprova facilmente verificando como se torna quase impossível falar sem usar e mesclar as várias camadas do Ser, instaurando-se assim o reino universal da metáfora. Quando digo, por exemplo, que “Pedro fala **correntemente** inglês”, o advérbio, sem dúvida, é

metafórico: atribuo a um ser humano o específico de outro ser, no caso, a água, o rio, a correnteza. E metáfora consiste precisamente nesse transporte ou transferência que a gente opera, por uma relação subjetiva, de uma palavra, da sua realidade objetiva para outro nível de significação e, vice-versa, quando atribuo a um ser qualquer o que é do animal ou do homem, como se vê em “cabeça de alfinete”, “pé da mesa”, “coração de pedra” etc. Nem se diga que tal recurso ocorra apenas na ficção poética. Marca o linguajar humano em qualquer situação.

Aliás, se quisermos apanhar a concretização do Ser nos entes, por um ângulo tradicional, mas perfeitamente válido e atual, mesmo no conhecimento vulgar, poderíamos lembrar aqui as dez categorias aristotélicas, supremos gêneros de modos em que as coisas podem existir na terra: substância, relação, quantidade, qualidade, tempo, espaço, ação, passibilidade, posição e estado. Todas elas compõem com a maior desenvoltura em nossas conversas e nos meios de comunicação em geral. Sem nos darmos conta, estamos sempre tentando retratar a realidade, partilhando-a em aspectos ou modos mais ou menos palpáveis, através de um fraseado que acaba, em pleno final do século XX, conferindo cabal razão ao velho criador da Lógica. Seja, por exemplo, o período seguinte, adrede construído, mas em harmonia com o clima nacional: “Hoje (tempo), neste Brasil (espaço) imenso (qualidade), milhões (quantidade) de brasileiros (substância), jovens e velhos (relação), lutam para sobreviver (ação), desprovidos de quase tudo (estado), vegetando no submundo da miséria (posição), duramente explorados por uma minoria (passibilidade)”.

II A Experiência-Mãe

Classicamente, ensina-se que o filosofar nasce da admiração, do espanto, do maravilhar-se diante do universo visível e dos mistérios da existência. Engana-se, porém, quem vir a Filosofia brotando sempre da surpresa feliz, sorridente e pacificadora. Na verdade, a contemplação do real, a “theoria” helênica, é, fundamentalmente, o mesmo “mire veja” de todo Riobaldo nativo, vivendo mais “no asp’ro” do sertão, do que no “range rede” da missão cumprida⁴.

Para Hobbes, a experiência ontológica fundadora estaria no ócio⁵. Pode até ser, em outras épocas e ambientes. No contexto brasileiro, porém, a nossa experiência-mãe em Metafísica acontece muito mais no trabalho, no sofrimento, na dureza da vida. Aí é que se aprende a matutar, assuntar, cismar, (i)maginar.

A dor gera reflexão e sobretudo impele a descobrir veredas de libertação, a partir das categorias reais que marcam as vivências conflituosas dos excluídos. Há

4. ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, 2 ed, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1958, p. 11

5. *Leviatã* IV, cap. 46.

mais densidade ontológica, hoje, para o brasileiro, no “laboro” do que no “cogito”. Muito difícil, senão impossível passar um cidadão comum da consciência ingênua para a consciência crítica e criadora, submerso em textos filosóficos e empapado de teses acadêmicas. A nossa estrada é outra. Para nós a descoberta do Ser se viabiliza no contato sofrido com a realidade de todas as horas, como a casa, a condução, o trabalho, o salário, a fila, a terra ... Concentra-se nisso tudo muito mais provocação dialética do que em qualquer modelo europeu-ocidental de pensar. Nesse mundo de Sísifo radica a base cultural própria e original do povo, enquanto comunidade unida numa memória comum de penas e esperanças.

Com incrível má vontade, reclamava Tobias Barreto que “o Brasil não tem cabeça filosófica”⁶, apoiado, mais tarde, por João Ribeiro, para quem “não há raça mais refratária à Metafísica que a nossa”⁷. Mudariam eles, contudo, de humor e de opinião, se se abalançassem à tarefa humilde e necessária de auscultar o potencial filosófico do povo brasileiro, empreendendo um passeio atento pela linguagem popular, surpreendida ao vivo, nas praças, nas feiras de rua, nas filas de ônibus ou do INSS.

Como reagem, por exemplo, as pessoas em face do mistério da vida (e da morte)? Certamente, não discorrem sobre finitude humana. Desconhecem a análise existencialista da angústia. Mas não ignoram o intransponível desse mistério. Nem deixam de comentá-lo a seu modo. É o que se pode depreender da conversa sobre alguém acometido de doença em fase terminal ou vítima de acidente muito grave: - Fulano está **desenganado!**

Se esse “desenganado” é alguém a quem os médicos já não dão mais esperanças de cura e salvação; se “desenganado” é o que está prestes a morrer, o “enganado” quem seria senão nós outros, que nos julgamos ainda muito distantes da morte? Donde se conclui que vivemos todos no engano, na ilusão, na presunção de imortais. E, como lembrou o Pe. Vieira, em célebre Sermão, “os maiores e os mais poderosos são os mais infelizes e os mais enganados nesta parte”⁸.

Parece que, ferido pelos altos índices de mortalidade infantil e cômico da íntima relação vigente entre alimentação sadia e média de vida, nosso povo não se ilude fácil. E desmistifica a vida e a morte, desmascarando-lhe os enganos e os desenganos ...

A verdade é que o dia-a-dia da luta pela vida representa o húmus propício da reflexão popular. Daí nascem e se multiplicam, a todo o momento, perguntas

6. *Questões vigentes de filosofia e direito*, Recife, Livraria Fluminense, 1988, p. 237-240.

7. “A Filosofia no Brasil”. In: *Revista do Brasil*, 1917, v. IV, p. 255.

Aí também João Ribeiro acrescenta: “Entre nós, um filósofo seria coisa anômala... a classificar entre os produtos teratológicos da espécie”!

8. Sermão da 1ª Domingo do Advento, pregado na Capela Real, em 1652, parte V.

e avaliações sobre o sentido e o valor do ser humano e de todas as realidades. Deve haver, neste país, uma minoria que, gostosamente, trabalha para viver. No entanto, o espetáculo que prevalece é da enorme massa assalariada vivendo para trabalhar, sem tempo nem espaço para o descanso e o lazer diários, embolada na maré montante de doenças, dívidas crescentes e sonhos desfeitos.

Nesse clima pesado e asfíxiante, eis que desponta e prepondera um ideal possível e confortador: entre a “sorte grande” tão incerta e a miséria ameaçadora, nada como a segurança de uma vida **remediada**, nem rica nem pobre.

Ora, se remediar quer dizer, primeiramente, dar remédio, curar, logo passou a significar também resolver uma situação, prover alguém do suficiente para viver. Mas o que fica aí latente - e a reflexão filosófica pode e deve patentear - é o enfoque realista dado pelas pessoas à fugacidade do Ser na correnteza dos seres. No fundo, remediar é dar solução provisória, o suficiente para se ir levando a vida. O certo seria mesmo viver em plenitude e não na base de remédios e artifícios. De si, o ser humano mereceria como regra, desenvolvimento superior, acontecendo o remediar como pura exceção.

Mas, aquém ou além de qualquer representação conceitual ou lingüística, o importante para nós aqui é captar e apreciar essa clara revelação do Ser, no momento presente, mistura de positividade e negatividade, de ser e não-ser, de consciência e inconsciência, de permanência e transitoriedade.

Marcado por condições econômicas e políticas de dependência cultural crônica, o filosofar espontâneo do cidadão brasileiro medra, despretensiosamente, entre o desencanto e a esperança, englobando experiências heterogêneas de vida, como a do homem do campo, a do afro-brasileiro, a dos indígenas e não poucos laivos também do pensamento ocidentalizado moderno e contemporâneo, infiltrado em considerável parcela da classe média e até mesmo no proletariado urbano.

Dentre essas experiências corriqueiras, no contexto amplo do relacionamento social, uma nos parece de especial carga ontológica. Trata-se do aprimorado senso de percepção do que é e do que não é lógico ou razoável, do que tem e do que não tem cabimento na ordem dos seres.

Para classificar tudo quanto exorbita dessa visão ordenada, a linguagem comum lança mão, freqüentemente, de um adjetivo muito simples, mas de rica expressividade: “insignificante” (muitas vezes pronunciado “insinificante”).

Não é que o povo todo tenha estudado lingüística ou filosofia da linguagem. Mas, inegavelmente, acusa plena capacidade de associar um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a este ou àquele signo capazes de os evocar. Qualquer caboclo identifica certas nuvens como sinal de chuva e o latir de um cachorro como indício de ousadia. A qualquer um a palavra “rosa” vale como signo de determinada flor.

Mesmo sem saber de signos, significantes e significados, semiologia ou semiótica, todos nós, falantes e ouvintes, convenciamos ligar duas imagens mentais, num processo interior, bipolar e recíproco, sempre que usamos um signo lingüístico: a palavra evoca o sentido e o sentido evoca a palavra, já que, na prática, os vocábulos sempre gozam de um significado mais ou menos permanente, uma significação básica, referente a este ou àquele ser.

Vai daí que se uma favelada reclama do salário **insignificante** do marido, é com toda razão que o taxa de salário de fome ou de morte. O que nada significa, significa o vazio, ou seja, uma vida realmente esvaziada do ser que lhe cabia possuir.

Quantas coisas “mestre Povo”⁹ nos ensina sobre o reino maravilhoso do Ser!

III A Tarefa do Filósofo

Dentro da seara da Metafísica, o tratamento do problema do Ser parece de todos o mais consideravelmente árduo. E com razão, porquanto ele condensa e gera todas as magnas questões filosóficas. Cremos, entretanto, que, pinçando e valorizando as experiências populares nesse campo, conseguiremos casar a percepção simples mas vivenciada do problema ontológico com o saber acadêmico específico, redundando daí possibilidades extremamente positivas para o desenvolvimento da Filosofia no Brasil. Se a Filosofia é, reconhecidamente, hermenêutica de todas as significações que se manifestam no mundo cultural de um povo, incumbe-nos proceder a uma leitura contínua dos sentidos ocultos no discurso popular brasileiro.

Sem dúvida, cumpre “primeiro viver, depois filosofar”, mesmo porque “saco vazio não pára em pé”. Mas, por outro lado, junto com a luta pelo respeito e satisfação das necessidades básicas da pessoa, deve andar sempre, como condição indispensável, a consciência de que o Ser vale mais que o ter, o real mais que o ilusório e o Ser mais que o não-ser, sem se esquecer jamais o devir como insofismável vocação do Ser.

Disso, aliás, só é capaz o filósofo solidário, inserido no meio do povo, como povo que ele é também, dentro da correnteza do Ser e da vida, não à margem dela nem acima dela. Só quem está dentro, capta o clima do seu tempo e percebe os desafios mais prementes e os temas e tarefas prioritários.

Na realidade, só se marginaliza o filósofo ex-cêntrico. Quem trabalhar bem no centro ou no âmago da realidade brasileira, pode não ganhar os aplausos de toda a platéia acadêmica nem os melhores prêmios da crítica oficial, mas produzirá algo de sério e perturbador, pela denúncia permanente da falta de correspondência entre os princípios teóricos e as questões cruciais da nossa sociedade.

9. ASSIS, Machado de, *Dom Casmurro*, cap. CXXXI.

Evidentemente, postado assim bem dentro do real concreto, torna-se ele suspeito e até perigoso aos detentores do poder e aos coniventes com o “status quo”. Mas nisso, precisamente, se firmará a contraprova de sua autenticidade, pois nunca deixará de aparecer algum Aristófanes crioulo, criminosamente conservador, apelando para a queima do “pensatório”...

Resta, porém, outro escolho a contornar. Para muitos não há como desenvolver e expor em vernáculo o problema do Ser. “Haveria uma debilidade inerente ao português - língua adequada ao máximo às piadas de botequim”¹⁰, irremediavelmente inepta para temas “elevados”, porque pobre em termos conceituais abstratos.

Seria verdadeiro, se o problema ontológico atingisse apenas os outros povos: gregos antigos (salvos pela prodigiosa capacidade de expressão de um Platão ou Aristóteles); europeus medievais (sistemáticos e didáticos, como um Tomás de Aquino); ou alemães modernos (representados pelo talento exponencial de um Kant, Hegel ou Heidegger).

Como bem lembrou Roberto Gomes, se nós, brasileiros, soubermos descobrir o que nos importa nessa problemática e o que melhor condiz com a nossa realidade objetiva, em todas as suas formas e manifestações, a palavra adequada surgirá, à medida da nossa situação e do nosso jeito, graças à expressiva riqueza do vernáculo, em cujo seio se inseriu o vocabulário filosófico greco-latino, junto com riquíssima contribuição de múltipla origem étnica.

Se até os chamados povos primitivos conseguem exprimir pensamento metafísico, por que nos faltaria a nós, brasileiros, igual ou até maior capacidade?¹¹

É o caso de relançar mais uma vez a oportuna e incisiva estocada de Mário de Andrade: “Será por falta de língua que nos faltam filósofos, ou por culpa dos filósofos que nos falta língua?”¹². Onde, parece mais sensato ficar com a avaliação do velho Montaigne: “A deficiência não está no parto, mas na concepção”¹³.

Se a cada língua corresponde uma maneira de pensar e, portanto, um modo de estar no mundo; se os idiomas expressam, na doutrina de Humboldt, diferentes perspectivas da realidade, irreduzíveis uma às outras; se cada grupo lingüístico se acha intimamente associado a determinada mundividência, conforme propõe Whorf, por que não creditar ao português a possibilidade de também exprimir, sob nova luz, uma reflexão filosófica de respeito universal, matizada pelas vivências e conceituações todas da nossa “sabedoria”?

10. GOMES, Roberto, *Crítica da Razão Tupiniquim*, 8.ed., Curitiba, Edições Criar, 1986, p. 65.

11. RADIN, Paul, *The Primitive Man as Philosopher*, N. York, D'Appleton and Company, 1927.

12. *O Empalhador de Passarinhos*, 3.ed., São Paulo, Livraria Martins, 1972, p. 177.

13. *Ensaio I*, 26.

A ficarmos, monocordicamente, repetindo e glosando visões alienígenas, não chegaremos nunca a reexistenciar criticamente os dados inerentes às estruturas sócio-culturais do nosso mundo, através de uma interpretação própria, original. Doutra parte, sendo a linguagem fenômeno de origem e finalidade social, a melhor forma de pôr à luz, à brasileira, as facetas todas do Ser consistirá, basicamente, no ressaltar a unidade entre o histórico e o lógico, caminhando sempre do aparente para o essencial, de fora para dentro, do concreto para o abstrato, do simples para o complexo, do singular para o geral.

Inexiste impedimento irremediável para traduzir ou aprofundar entre nós o problema ontológico, em linguagem criativa. O de que o Brasil menos precisa é de uma filosofia autista, divulgada por patricios sem imaginação, má Filosofia, voltada apenas à murcha repetição do que já foi dito e redito.

Por que não perquirir e revelar o nosso mundo, manejando, com tino e habilidade, o instrumental disponível no âmbito do saber filosófico? A título exemplificativo, bem que poderíamos explorar, de forma renovada e criadora, o uso das categorias como demonstrações clássicas do Ser e excelentes pontos de apoio para o seu desvelamento, no aqui e no agora da nossa realidade, sejam elas as do velho Aristóteles ou outras que a Filosofia Moderna, lucidamente, privilegiou, como o movimento, a contradição, a totalidade, a alteridade, a diferenciação, a situação.

E, para concluir, já que se nomeou Aristóteles, vale lembrar que o itinerário mental do próprio Estagirita foi sempre partir do senso comum para chegar aos cumes da Metafísica.

Que tal abrazeirar essa experiência?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinhos**. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1972.
- BARRETO, Tobias. **Questões vigentes de filosofia e direito**. Recife: Livraria Fluminense, 1988.
- GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. 8. ed. Curitiba: Edições Criar, 1986.
- HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.
- RADIN, Paul. **The primitive man as philosopher**. New York: D'Appleton and Co., 1927.
- RIBEIRO, João. A filosofia no Brasil. **Revista do Brasil**. 1917. v. 4
- ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1958.
- _____. **Tutaméia**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1969.